

# A INSERÇÃO DOS SUJEITOS INFANTIS NO MUNDO DA LEITURA E DA ESCRITA<sup>1</sup>

Priscila Luana Czicheske Schultz Stamboroski<sup>2</sup>

Samara Cristina Caitano de Moura<sup>3</sup>

Lídia Inês Allebrandt<sup>4</sup>

O presente relato de experiência aborda questões acerca de uma prática de observação realizada em uma escola de Educação Infantil privada do município de Ijuí, pelas acadêmicas do curso de pedagogia da Unijuí. Esta teve como foco analisar como se dá o processo de alfabetização com crianças de quatro a seis anos de idade. Por meio da prática observamos aspectos relacionados à maneira com que os sujeitos infantis são inseridos no mundo da leitura e da escrita.

A alfabetização é um processo importante, pois é condição necessária para a participação do indivíduo na sociedade letrada. Aquele sujeito que não sabe ler e nem escrever diante da sociedade letrada vive perdido, à margem, dependendo sempre de alguém para situá-lo, sem saber coisas do cotidiano como, por exemplo, pegar o transporte público, então se pode afirmar que ser alfabetizado é imprescindível para o convívio social do homem.

Segundo Cagliari (2005, p. 10) “A alfabetização é o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa assim como a invenção da escrita foi o momento mais importante da história da humanidade [...]”. Nesta ótica, destacamos a análise da escrita espontânea das crianças; as produções próprias; o professor como escriba e, também as formulações de hipóteses.

---

<sup>1</sup> Relato de experiência realizado na Educação Infantil, prática de observação, considerando a inserção numa escola privada de Ijuí/RS, 2017.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, [pris-schultz@hotmail.com](mailto:pris-schultz@hotmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e bolsista do PIBID/UNIJUI-subprojeto Pedagogia, [samaracrismoura@hotmail.com](mailto:samaracrismoura@hotmail.com)

<sup>4</sup> Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação, da Universidade da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, [lidia@unijui.edu.br](mailto:lidia@unijui.edu.br)

O desenvolvimento das ações foi feito por meio da observação participante, atenta às construções das crianças, bem como uma escuta sensível aos seus anseios e necessidades. A partir da participação nos momentos em que as crianças estavam sendo inseridas no mundo letrado pode-se observar e, registrar com fotos e anotações.

Enquanto acadêmicas do curso de pedagogia estamos inseridas em uma escola de educação infantil na condição de auxiliares, desenvolvemos nossa prática juntamente a professora regente de uma turma de crianças entre quatro e seis anos. Partindo de um olhar e de uma escuta sensível às vivências das crianças, fomos instigadas a escrever sobre como se dá o processo de inserção dos mesmos ao mundo da leitura e da escrita, condição essencial do ser humano o qual faz parte de uma sociedade que não vive sem a linguagem, dentre as quais se encontram o processo de ler e escrever.

A turma que observamos está, no presente ano, na Educação Infantil e no próximo estarão ingressando na seguinte etapa educacional, os anos iniciais. Com a preocupação de preparar as crianças para o novo, a professora regente da turma começou a possibilitar aos pequenos, vivências para que de maneira lúdica e prazerosa possam se inserir aos poucos ao processo de alfabetização. Na condição de auxiliares da turma observamos e registramos estes momentos.

O processo a qual damos ênfase não fere a infância dos pequenos, mas os ajuda a ter noção do que seria ler e escrever, nos diversos momentos presenciados observamos que os pequenos realizam escritas espontâneas e fazem produções próprias, nestes momentos criam e recriam cultura letrada e, como nos afirma Baptista:

É importante dizer que o trabalho com a linguagem escrita deve permitir à educação infantil assumir um papel importante na formação de leitores e de usuários competentes do sistema de escrita, respeitando a criança como produtora de cultura. [...] Ao interagir com os diferentes signos e com os conhecimentos que circulam socialmente, a criança o faz sob a mediação dos seus saberes e das suas experiências infantis. Dessa articulação, nascem novos saberes, conhecimentos e experiências (2010, p. 2).

Todas as atividades observadas foram mediadas pela professora regente da turma e auxiliares que possibilitam aos pequenos o contato com as letras e números, por meio dos jogos, das brincadeiras entre outros elementos alfabetizadores. Segundo Cagliari (1998, p. 55), “Ser um mediador, aqui, é ajudar o aprendiz a construir seu conhecimento, passando a ele as informações adequadas, explicando o que tem de ser explicado”.

Em um dos momentos as crianças saíram da sala de aula equipadas com pranchetas com folha, e lápis na mão, foi proposto que escolhessem algum objeto do pátio

para desenhar e, posteriormente, escrevessem o nome da maneira que achassem que fosse escrito, muitas hipóteses foram levantadas, alguns escreviam as letras dos nomes, outros já em nível mais avançado conseguiam associar algumas letras e sons, por exemplo: uma aluna de cinco anos observou o banco da escola, desenhou-o e sucessivamente escreveu “BO” criando assim sua hipótese de escrita. Nesta construção da criança podemos ver traços dos estudos de Ferreiro (2008, s.p.) a qual explica que, em certa fase do processo de alfabetização os pequenos começam entender que para escrever necessitam representar os sons das palavras mesmo que ainda não saibam a forma correta.

Na perspectiva de que a criança aprende brincando, na turma observada notamos que os jogos e as brincadeiras são grandes aliados à inserção no mundo letrado, como pondera Baptista:

A brincadeira, forma privilegiada de a criança se manifestar e produzir cultura, é o elemento central para a constituição da ação educacional e deve ser entendida como fonte de conhecimento sobre a criança e sobre seu processo de apropriação e de produção de cultura. Entendendo a criança como um sujeito de direitos, a creche e a pré-escola devem ser espaços de garantia do direito à brincadeira (2010, p. 02).

Nas representações artísticas das crianças, por exemplo, a professora regente propõe que escrevam, escrevam sobre o que desenharam possibilitando-lhes a produção própria. Segundo Cagliari (1998, p. 56-57), [...] “Na alfabetização, é fundamental que os alunos produzam trabalhos espontâneos, façam atividades a partir de sua iniciativa, do jeito que acharem melhor”.

Outro aspecto a ser destacado a partir da prática de observação é que na sala de aula os livros infantis ficam ao acesso dos pequenos, muitas vezes eles pegam uma determinada literatura e pedem para uma das professoras da sala ler, como também a docente frequentemente traz novas histórias para os pequenos possibilitando a ampliação do repertório de cada uma. Como Ressalta Baptista (2010, p. 3), “Não é preciso que a criança compreenda as relações entre fonemas e grafemas para construir sentidos ao escutar a leitura de uma história ou ao elaborar narrativas a partir de um livro de imagens, por exemplo,”.

Mesmo antes de a criança ser alfabetizada, a mesma tem suas próprias ideias de como ler e escrever, isso se deve as suas vivências. Assim, interagem e expressam-se de acordo com tudo aquilo que já têm de conhecimento. Ao narrar uma história observamos que as crianças buscam elementos em seu arquétipo mental, ou seja, além das práticas

propostas na sala de aula cada uma delas possui seu repertório o que as deixa cada vez mais familiarizadas com o processo de alfabetização.

Vemos a escrita espontânea enquanto uma possibilidade de estratégia pedagógica, na qual as crianças ao escreverem livremente, mobilizam todo o seu conhecimento prévio, fazendo conexões e relações, ou seja, é um processo de aquisição linguística, mas sem uma cobrança em relação à norma ortográfica. Isso porque as produções gráficas das crianças partem de um processo de investigação, e cabe a cada docente considerar todas as tentativas das crianças no que se refere a representar fonemas (sons) e grafemas (letras).

Durante as observações, vivenciamos momentos em que as crianças ao escreverem, pronunciam as palavras a serem escritas em voz alta, repetidas vezes, para através do som distinguir as letras a serem usadas. Então é válido afirmar que a escrita espontânea das crianças, caracteriza-se como um processo de investigação, na qual os sujeitos imbricados no processo buscam suportes em conhecimentos por eles já sistematizados.

Nota-se que as crianças gostam de vivenciar esse processo, pois em dado momento da aula a professora regente, oportunizou contato com imagens retiradas de revistas, assim cada uma pode escolher a figura que mais lhe agradasse para colar em uma folha ampla e, posteriormente, observar todos os signos e símbolos contidos nela, para que pudessem escrever os seus nomes. Sendo que a solicitação da professora referia-se a que todas as crianças nomeassem apenas cinco objetos, mas a maior parte da turma continuou no processo de escrita espontânea, não se limitando à quantia solicitada, pois se sentiam instigados e desafiados. E, como escreve Baptista:

A professora, ao mostrar desenhos, fotografias, ilustrações, objetos e ao imitar seus sons, ao contar histórias, cantar músicas ou recitar poesias, está ajudando as crianças a entender que os objetos podem ser representados, introduzindo a criança no universo simbólico (2010, p. 07).

A escrita espontânea requer criatividade por parte das crianças, pois não é uma mera cópia. Esta produção pode ser considerada um objeto cultural, ou seja, não é apenas um objeto escolar, sendo assim um ótimo meio pedagógico para o professor atuar enquanto um mediador. As crianças devem incorporar o processo da escrita como algo natural de seu desenvolvimento e não como treinamento imposto de fora para dentro, pois todo esse processo deve ser permeado de significados: "o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita, e não apenas a escrita das letras" (Vygotsky, p. 134).

A ludicidade permeia todos os momentos de escrita espontânea, assim como, os processos de produções próprias; o professor como escriba e, também, as formulações de hipóteses. Salientamos que esses geram momentos riquíssimos de convívio entre os sujeitos, com muitas trocas nas interações. Nas palavras de Baptista (2010, p. 07), “A atuação da professora é, pois, fundamental para assegurar informações, incitar a curiosidade e o desejo de conhecer, levar a criança a formular perguntas, a verbalizar e a formular suas hipóteses”.

Outro momento a ser destacado são as rodas de conversas, muitas vezes as crianças criam histórias, contam situações vividas no final de semana, as quais são registradas pela professora e auxiliares, para que a criança sinta-se ouvida, sendo sujeito ativo do processo de aprendizagem. Como pondera Baptista, a criança:

[...] pode ser introduzida no mundo da leitura, compartilhando com colegas situações de leituras de histórias, reportagens, piadas, receitas, cartas e e-mails, feitos por sua professora. Pode ser introduzida no mundo da escrita ditando textos para pessoas que cumprirão a função de escribas. Em ambas as situações, a criança exercita capacidades e habilidades envolvidas na compreensão dos usos e das funções sociais da escrita (2010, p. 8).

As crianças interagem naturalmente aos seus pares, e estes momentos durante a escrita espontânea, ou a formulação de hipóteses, fomentam a troca de informações e até a elaboração de conceitos. Destacamos que os sujeitos que observamos e interagimos tem um vasto repertório, pois a professora sempre lhes proporciona mediações semióticas como leitura de livros, roda de canto, teatros, dentre outros, que possibilitam a eles a elaboração de entendimentos de maneira ampla.

Sabemos que a alfabetização caracteriza-se como essencial no processo educativo das crianças, e a escola, enquanto instituição que cuida dos processos de ensino aprendizagem, deve proporcionar meios para que essa ocorra de maneira a respeitar os sujeitos de sua prática. É notório que a professora organiza tempos e espaços, proporcionando meios para que essa ocorra de maneira lúdica e prazerosa, sempre olhando para as crianças para entender as suas singularidades, entendendo-as como sujeitos capazes. Concluímos que as crianças observadas atuam como construtores de sua alfabetização, vivenciando diversas fases, e aprimorando-se no cotidiano, a partir das mediações estabelecidas pela professora, além disso, a escrita espontânea pode ser um meio pedagógico que fornece um “diagnóstico”, para que a docente possa identificar em que fase do processo de aquisição do código escrito a criança encontra-se.

Portanto, salientamos a importância de termos um trabalho como este aqui descrito, pois como defende o autor

A Educação Infantil tem como principal contribuição para esse processo fazer com que a criança se interesse pela leitura e pela escrita, que ela deseje aprender a ler e escrever e, ainda, fazer com que ela acredite que é capaz de fazê-lo (BATISTA, 2010, p. 10).

Buscamos, então, uma prática que respeite o ser criança e respeite a infância. O professor como mediador deve inserir as crianças no processo de alfabetização de maneira prazerosa a fim de conciliar este processo com uma pedagogia que considere as crianças como sujeitos de linguagem, capazes de construir seu próprio processo de aquisição do código da leitura e da escrita.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Infância; Mediação; Criança.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica Correia. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância.** Disponível em <[portal.mec.gov.br/docman/setembro...pdf/6673/linguagemescritaedireitoaeducacao](http://portal.mec.gov.br/docman/setembro...pdf/6673/linguagemescritaedireitoaeducacao)>. Acesso em 30 out. 2017.

CAGLIARI, Luiz. C. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Ed. Scipione, 2005. (Coleção Pensamento e Ação no Magistério).

\_\_\_\_\_. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu.** São Paulo: Ed. Scipione, 1998.

FERREIRO, Emília. **O processo da construção da escrita.** [S.1], 3 mai. 2008. Disponível em <<http://pensadoraemiliaferreiro.blogspot.com.br/2008/05/o-processo-da-construo-da-escrita.html>>. Acesso em 26 out. 2017.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.